26 VIGILÂNCIA AMBIENTAL E INTERSETORIALIDADE: ENFRENTANDO O ESCORPIONISMO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE ESCOLAR

Glebson Costa Alves
Daniele Saara dos Santos de Lima

Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Pernambuco, Brasil

DOI: 10.37085/bookAS.13.chap26

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de uma ação educativa intersetorial voltada para a prevenção de acidentes escorpiônicos, desenvolvida no âmbito escolar no município de Recife, Pernambuco. Os acidentes por escorpiões configuram um grave problema de saúde pública na região, respondendo por 88,3% dos atendimentos por animais peçonhentos no município em 2025, o que demanda estratégias articuladas de intervenção e educação em saúde. A atividade foi realizada em uma escola municipal por um profissional de saúde residente em parceria com a Supervisão de Agentes de Combate às Endemias, tendo como público-alvo escolares de sete e oito anos de idade. A metodologia estruturou-se em quatro momentos pedagógicos e lúdicos: acolhimento com diagnóstico de conhecimentos prévios; exposição dialogada mediada por álbum seriado sobre a biologia do vetor, manejo am-

biental e fluxos de atendimento na rede de saúde; demonstração prática com espécimes em conserva; e síntese avaliativa. Como resultados, observou-se expressiva participação e curiosidade dos alunos, promovendo trocas horizontais a partir de suas vivências no território. A análise da experiência, ancorada na Determinação Social da Saúde (DSS), evidenciou a indissociabilidade entre o processo saúde-doença e as condições socioespaciais de habitação e saneamento. Conclui-se que a articulação entre os setores da saúde e da educação potencializa o cuidado territorializado, sendo uma estratégia replicável, de baixo custo e fundamental para o fortalecimento da vigilância popular e para a transformação de escolares em agentes multiplicadores de práticas preventivas nos cenários social e doméstico.

Palavras-chave: Escorpiões, Vigilância ambiental em saúde, Educação em saúde, Intersetorialidade

INTRODUÇÃO

Os acidentes por animais peçonhentos, notadamente os escorpiões, configuram um importante problema de saúde pública no Brasil devido à sua alta incidência, sobretudo em áreas urbanas, e ao potencial de gravidade em crianças e idosos. Na Região Nordeste, o período de transição para os meses mais quentes e chuvosos costuma registrar um aumento no número de casos, visto que os escorpiões desalojam-se em busca de locais escuros, úmidos e com acúmulo de entulhos, colonizando ambientes domésticos, quintais, frestas e jardins[1].

O escorpionismo caracteriza-se como o quadro clínico de envenenamento decorrente da inoculação da peçonha pelo ferrão do escorpião. Na maioria das ocorrências, a sintomatologia local é marcada por dor intensa, edema e sudorese. Entretanto, em populações de maior vulnerabilidade biológica, como crianças e idosos, o agravo pode evoluir para manifestações sistêmicas graves, incluindo arritmias cardíacas, edema agudo de pulmão e choque, o

que demanda intervenção médica imediata e administração oportuna do soro antiescorpiônico[2].

De acordo com o Boletim Epidemiológico de Animais Peçonhentos (2025), divulgado pelo Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS) de Recife-PE, 88,3% dos atendimentos decorrentes desses acidentes no município foram causados por escorpiões[2]. Esse cenário epidemiológico evidencia a necessidade de ações integradas entre a Vigilância Ambiental e outros setores sociais, visando mitigar os riscos e proteger a população por meio de estratégias de educação em saúde.

Portanto, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de uma ação intersetorial entre a educação e a vigilância ambiental sobre a prevenção de acidentes escorpiônicos no âmbito escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre uma atividade educativa realizada em uma escola municipal de Recife, localizada em um Distrito Sanitário do município em outubro de 2025. A demanda surgiu em virtude da sazonalidade do agravo e da inserção do tema no conteúdo programático da escola, que culminaria em uma Feira de Ciências.

A articulação entre a instituição de ensino e a Vigilância Ambiental deu-se por mediação da Supervisão dos Agentes de Combate às Endemias. A solicitação foi encaminhada à Coordenação Distrital de Vigilância Ambiental, que designou um profissional de saúde residente para planejar e executar a ação em parceria com a supervisora local.

Considerando que o público-alvo era composto por crianças de 7 e 8 anos de idade, reconhecidas pelo potencial de replicação do conhecimento em seus núcleos familiares, elaborou-se um material pedagógico pautado na ludicidade e na interatividade, em consonância com as diretrizes de promoção da saúde na escola[3]. A intervenção foi estruturada em quatro momentos distintos:

1º Momento (Acolhimento): Utilização de duas perguntas norteadoras para disparar o diálogo e avaliar o conhecimento prévio dos alunos: "*Quem aqui já viu um escorpião?*" e "*Alguém aqui ou na família já foi picado por um escorpião?*".

2º Momento (Exposição Dialogada): Apresentação de um álbum seriado ilustrado. Iniciou-se com a morfologia do animal, destacando o escorpião-amarelo (*Tityus serrulatus*), espécie de maior relevância na região. Em seguida, discutiu-se o território, os hábitos alimentares do vetor, medidas preventivas domiciliares e o fluxo de atendimento na rede de saúde em caso de acidentes.

3º Momento (Demonstração Prática): Exibição de espécie de escorpiões em conserva, devidamente capturados e acondicionados em recipiente de vidro vedado contendo álcool etílico a 70%, permitindo a observação segura das características físicas do animal.

4º Momento (Avaliação e Síntese): Realização de uma dinâmica de perguntas e respostas para verificação da aprendizagem, fixação dos pontos-chave e esclarecimento de dúvidas remanescentes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A intervenção pedagógica demonstrou um elevado índice de interesse e curiosidade por parte dos escolares, atingindo seu ápice durante a observação visual de espécimes de escorpiões em conserva. Constatou-se que as crianças já possuíam um arcabouço teórico prévio, desenvolvido pela educadora da turma, o que potencializou a realização de trocas horizontais e uma escuta qualificada durante a atividade. Esse ambiente de diálogo permitiu a partilha de relatos familiares sobre acidentes escorpiônicos, o que reforçou a relevância social do debate no território onde os alunos estão inseridos.

A escola pública consolidou-se, nesta experiência, como um espaço estratégico para a promoção da saúde. A articulação intersetorial entre saúde e educação permitiu que a intervenção transcendesse o caráter meramente burocrático, assumindo uma dimensão pedagógica e social. Como resultado direto, a atividade logrou êxito ao instrumentalizar as crianças como agentes repli-

cadores de informações preventivas em seus núcleos domiciliares, promovendo o fortalecimento da vigilância popular e comunitária no microespaço escolar.

DISCUSSÃO

A análise desta vivência exige uma leitura crítica que interprete o escorpionismo urbano não como uma fatalidade biológica, mas como um marcador de profundas assimetrias estruturais. À luz da Determinação Social da Saúde (DSS) e da Saúde Urbana, compreende-se que o processo saúde-doença está intrinsecamente vinculado às condições materiais de vida da população[4]. O escorpionismo revela-se como um sintoma do modelo de urbanização brasileiro, no qual a periferização do risco confina populações vulnerabilizadas em espaços desprovidos de saneamento estrutural e manejo adequado de resíduos, criando o nicho ecológico ideal para a dispersão do *Tityus serrulatus*[5].

Nesse contexto, as desigualdades territoriais atuam como determinantes diretos na distribuição do agravo. O território reflete construções socioeconômicas históricas e a carência de investimentos públicos em infraestrutura ambiental, o que se traduz em maiores índices de acidentes. Portanto, a saúde coletiva deve buscar respostas que ultrapassem o controle biológico do vetor, atuando prioritariamente na modificação das condições de vida e no combate às desigualdades territoriais[6].

A vulnerabilidade infantil no cenário estudado manifesta-se de forma multidimensional, envolvendo aspectos biológicos e sociais. Biologicamente, crianças apresentam maior gravidade clínica devido à menor massa corporal, que permite que a peçonha atinja órgãos-alvo com maior rapidez[7]. Socialmente, essas crianças habitam territórios onde o risco está materializado no cotidiano dos quintais e frestas domiciliares. Soma-se a isso a vulnerabilidade programática, caracterizada por barreiras de acesso e fragmentação das respostas institucionais, especialmente quando a Atenção Primária à Saúde (APS) apresenta centralização

geográfica que impõe obstáculos de distância e tempo para as comunidades periféricas[8].

Diante de tais desafios, a atuação da Vigilância em Saúde Ambiental no ambiente escolar demonstra a potência da intersetorialidade como tecnologia de subversão dessas vulnerabilidades[9]. A aproximação entre os setores da saúde e da educação consolida-se como uma prática capaz de emancipar os sujeitos. Ao transformar a informação técnica em consciência social, a intervenção capacita os indivíduos a compreenderem e atuarem de forma ativa na transformação do seu território e na defesa do direito constitucional à saúde e ao bem-estar[10].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia que as ações educativas territorializadas e intersetoriais superam o caráter puramente instrucional, consolidando-se como potentes instrumentos de promoção da saúde na Atenção Primária. Frente à complexidade da Determinação Social da Saúde, o enfrentamento ao escorpionismo nas áreas urbanas não pode ser reduzido a um manejo isolado do vetor; ele exige o reconhecimento de que o risco está diretamente atrelado às desigualdades de infraestrutura e à precarização do saneamento nos territórios periféricos.

Nesse cenário, a aproximação entre a Vigilância em Saúde Ambiental e a comunidade escolar pública mostra-se uma tecnologia social indispensável para mitigar a vulnerabilidade programática gerada pelas barreiras de acesso e pela fragmentação do cuidado. Ao instrumentalizar e sensibilizar crianças de sete e oito anos como sujeitos ativos e replicadores de saberes, a intervenção fomenta a vigilância popular em saúde diretamente nos núcleos familiares.

Portanto, conclui-se que intervenções dessa natureza são perfeitamente replicáveis, de baixo custo operacional e fundamentais para o fortalecimento da promoção da saúde local. Mais do que mitigar acidentes no ambiente social e doméstico, a articulação en-

tre saúde e educação atua na raiz do empoderamento comunitário, capacitando os indivíduos para a transformação de sua realidade socioambiental e para a defesa intransigente do direito à saúde.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Escorpionismo. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2022. v. 3, p. 1131-4.
2. Torrez PPQ, Dourado FS, Bertani R, Cupo P, França FOS. Scorpionism in Brazil: exponential growth of accidents and deaths from scorpion stings. Rev Soc Bras Med Trop. 2019;52:e20180350. doi:10.1590/0037-8682-0350-2018.
3. Recife. Secretaria de Saúde. Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS). Boletim Epidemiológico de Animais Peçonhentos. Recife: SES; 2025.
4. Medeiros ER, Chagas KKN, Silva Júnior JNB, Costa GMC. Propostas lúdico-pedagógicas nas atividades do Programa Saúde na Escola. Sustinere. 2020;8(2):302-21. doi:10.12957/sustinere.2020.45394.
5. Mata ACS, Faria LEM, Braga JRM. Aspectos epidemiológicos e sociais do escorpionismo em município do Recôncavo Baiano, Brasil. Arch Health Invest. 2022;11(4):612-621. doi:10.21270/archi.v11i4.5854.
6. Almeida ACC, Mise YF, Carvalho FM, Silva RML. Associação ecológica entre fatores socioeconômicos, ocupacionais e de saneamento e a ocorrência de escorpionismo no Brasil, 2007-2019. Epidemiol Serv Saude. 2021;30(4):e20210021. doi:10.1590/S1679-49742021000400021.
7. Carmo ÉA, Nery AA, Pereira R, Rios MA, Casotti CA. Fatores associados à gravidade do envenenamento por escorpiões. Texto Contexto Enferm. 2019;28:e20170561. doi:10.1590/1980-265X-TCE-2017-0561.
8. Facchini LA, Tomasi E, Dilélio AS. Qualidade da Atenção Primária à Saúde no Brasil: avanços, desafios e perspectivas. Saude Debate. 2018;42(spe 1):208-23. doi:10.1590/0103-11042018S114.

9. Vieira LS, Belisário SA. Intersetorialidade na promoção da saúde escolar: um estudo do Programa Saúde na Escola. Saude Debate. 2018;42(spe 4):120-33. doi:10.1590/0103-11042018S409.

10. Buss PM, Hartz ZMA, Pinto LF, Rocha CMF. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos 40 anos do SUS. Cien Saude Colet. 2020;25(12):4723-35. doi:10.1590/1413-812320202512.15902020.